

A MENTORA LITERÁRIA DE GUY DE MAUPASSANT

Brigitte Monique HERVOT*

RESUMO: Laure Le Poittevin, mãe de Guy de Maupassant (1850-1893), teve um papel essencial na formação literária de seu filho, desde a sua mais tenra infância. Essa mulher inteligente, sensível, apaixonada pelas artes, em especial pela literatura, foi a primeira e eterna crítica a quem Maupassant confiou seus projetos e aventuras literárias. Nas cartas que escreve a sua mãe tem a oportunidade de, não raras vezes, planejar e discutir suas futuras obras: apresenta o texto que vai nascer, indica suas linhas mestras, prefigura suas estruturas e designa seus procedimentos por uma série de princípios e de recomendações de valor pessoal e universal. Assim, reler essas cartas possibilita ao leitor de hoje acompanhar seu cotidiano, bem como a evolução de suas idéias e sua produção literária, o preparo de seus livros, suas tristezas, suas alegrias, raivas e afetos.

PALAVRAS-CHAVE: Correspondência. Guy de Maupassant. Laure Le Poittevin.

Se for verdade que o relacionamento afetivo entre mãe e filho tem sua influência mais marcante entre os três e os dez anos da criança, não há como negar que Laure de Poittevin foi de importância fundamental para o futuro de Guy de Maupassant, não só afetivo como também intelectual. Partindo dessa afirmação, convém voltar no tempo para falar de Laure e da primeira infância do escritor, pois saber como era sua mãe, pode ajudar a acompanhar a relação epistolar que se estabeleceu entre ela e o filho ao longo de suas vidas.

Em 1840, o avô de Maupassant, Jules de Maupassant compra uma propriedade rural de 320 hectares em La Neuville-Champ-d'Oisel, um lugarejo a 15 quilômetros de Rouen. Sua propriedade é próxima às terras de outra família, a família Le Poittevin. Logo se estabelece uma grande amizade entre as duas, relação que vai se intensificar por dois casamentos realizados em 1846: Gustave Maupassant casa-se com Laure Le Poittevin (1821-1904), e sua irmã, Louise de

* UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Departamento de Letras Modernas. Assis - SP - Brasil. 19806-900 - brigittehervot@hotmail.com

Maupassant, casa-se com Alfred Le Poittevin (1816-1848), irmão de Laure.

Na maioria das biografias de Guy de Maupassant, seu pai é descrito como um homem sedutor, galante, libertino e esbanjador. Na época do casamento, Jules de Maupassant, livre-pensador e crítico do Império, faz de sua casa o ponto de encontro campestre de artistas e homens de letras, entre os quais Flaubert (1821-1880) que, em várias cartas de sua correspondência, se refere à propriedade em La Neuville. Ele goza ainda de uma situação financeira bastante próspera e o jovem casal leva uma vida agradável em Rouen, Fécamp, Étretat e La Neuville. Gustave não precisa trabalhar e se dedica ao desenho e à pintura, o que lhe permite expor várias vezes no “*Salon des Artistes Français*”.

Maupassant nasce em 5 de agosto de 1850. O lugar exato de seu nascimento permanece ainda fonte de discussão entre os biógrafos. Alguns dizem que nasceu no castelo de Miromesnil, no povoado de Tourville-sur-Arques. Outros citam a cidade de Fécamp, onde o escritor teria nascido na casa de sua avó materna. Pouco importa o lugar exato. O que é certo é que ele passa os primeiros anos da juventude em Fécamp, cidade litorânea da França, na região da Normandia. Em 1854, o casal instala-se no castelo de Grainville-Ymauville, perto da cidade de Le Havre, onde nasce o segundo filho, Hervé, em 1856. Contudo, alguns anos depois, as dificuldades financeiras do pai obrigam Gustave a procurar um emprego. Em 1859, o casal muda para Paris, onde Gustave se torna bancário. Nessa época, Guy estuda no primeiro liceu público da República, o liceu Napoleão.

O casamento de Gustave e Laure vai se deteriorando ao longo dos anos, por uma séria incompatibilidade de caráter. Dizem que Laure era uma mulher muito inteligente, apaixonada pelas artes e pela literatura, autoritária, ambiciosa e um pouco dilapidadora, além de apegada à sua recente nobreza conquistada pelo casamento com Gustave de Maupassant. A esse respeito, Dominique Frémy (1988, p.59)¹ informa que

[...] a família dos Maupassant teria abandonado sua partícula [*de* Maupassant, sinal de nobreza] sob a Revolução. Em sua certidão de nascimento (28 de novembro de 1821), Gustave, o pai de Guy, foi registrado em Bernay “nascido de Louis-Pierre-Jules Maupassant”. Mas um trecho de um julgamento do tribunal civil de Rouen de 1846 (transcrito na margem da certidão) restabelece o nome precedido da partícula. Em 9 de novembro de 1846, na certidão de casamento celebrado em Rouen, Gustave, seu pai Jules e sua mãe Aglaé, figuram com a partícula.

¹ Todas as traduções do francês para o português são minhas, salvo indicação.

O próprio escritor, em outubro de 1874, escreve à sua mãe “[...] alguns detalhes sobre nossa [a deles] família encontrados nos documentos antigos que estou lendo atualmente.” (MAUPASSANT, G., 1874b, carta 31). Arrola nomes de pessoas nobres, títulos honoríficos, casamentos com a benção de príncipes e condes. Contudo, a lista não é acompanhada por nenhuma reflexão pessoal de Maupassant que pudesse denotar alguma preocupação em justificar a partícula honorífica, é mais uma notícia encaixada no meio de outras fornecidas na missiva, o que pode levar a pensar que essa questão não tinha tanta importância, pelo menos naquele momento.

Após alguns anos de uma vida conjugal atormentada, quando Laure sente que as brigas conjugais, cada vez mais freqüentes, podem prejudicar a educação de seus dois filhos, separa-se de seu marido. As crianças ficam com ela, que opta por voltar à sua região natal, na propriedade de Les Verguies: Guy está então com dez anos e Hervé, com quatro. A partir de então, em 1860, Laure encarregase, durante três anos, da educação de seus dois filhos, com a ajuda do padre Aubourg, vigário de Étretat. Ela tem todas as condições de assumir esse papel. Foi, ela própria, iniciada no mundo das letras pelo seu irmão Alfred Le Poittevin, seis anos mais velho que ela. Poeta e paisagista, é o melhor amigo de Flaubert – na verdade, é a pessoa que vai orientá-lo para as letras – e é, antes de sua morte prematura em 1848, aquele que vai exercer uma profunda influência sobre a formação intelectual de Laure. Foi com ele que a mãe de Maupassant aprendeu a escrever cartas, a se familiarizar com os clássicos, a amar Shakespeare e a falar grego, latim e italiano. François Tassart, mordomo de Guy de Maupassant, evoca os conhecimentos de Laure por ocasião de um jantar que o escritor ofereceu à sociedade aristocrática de Cannes em 22 de janeiro de 1889:

Tinham acabado de falar sobre a Grécia; uma dessas mulheres, que tinha algumas noções de línguas antigas, trouxe o assunto à tona. Não desconfiava que, a seu lado, havia uma pessoa, Mme de Maupassant, que possuía os conhecimentos mais extensos sobre essas línguas. Uma discussão iniciou-se sobre a formação de algumas palavras francesas que vêm do latim e cuja primeira origem está ligada à língua grega. Essa mulher, contudo, não continuou, pois Mme de Maupassant lhe deu as datas, os nomes dos autores, e citou os pergaminhos nos quais haviam sido inscritas as transmissões dessas palavras de uma língua para a outra, com uma precisão que surpreendeu a todos.

Teria sido necessário um professor emérito e muito sábio para poder ensinar algo a Mme de Maupassant, que sempre parecia não estar a par, mas que sabia tudo, tudo, especialmente no que concerne às línguas; falava quase todas, com uma desenvoltura que levava a pensar que ela nascera tanto nas margens do rio Tâmisia quanto do Tibre. (TASSART, 1889).

Maupassant revela-se logo um bom aluno. Aprende a ler precocemente e tem uma memória fantástica. Lê a obra de Shakespeare, que Laure adora, para adquirir conhecimentos da língua inglesa e é iniciado na Antigüidade grega e latina por meio das obras de Virgílio e Homero. O padre Aubourg fica incumbido das lições de gramática, aritmética, catecismo e latim. Ao mesmo tempo em que Laure oferece a seu filho uma sólida cultura humanista, deixa-o conviver com os camponeses normandos e crescer livre, em contato com a natureza, acreditando que isso pudesse lhe trazer um equilíbrio tanto do corpo como da alma. É somente em 1863, quando Guy está com treze anos, que sua mãe resolve confiar o processo de formação do filho a instituições escolares, em um primeiro momento religiosas, e depois leigas.

Dez anos depois, a dedicação aponta para um resultado encorajador, a tal ponto que Laure ousa pedir a Flaubert para ser o professor e o mentor de seu filho Guy. Em 1873, conta a Flaubert em uma carta o quanto seu filho Guy está feliz de ir à casa dele todos os domingos, e quanto isso lhe lembra seu irmão Alfred. Aproveita a chance para indagar se há possibilidade de Guy se dedicar às letras:

O sobrinho parece-se com o tio, você me disse isso em Rouen, e vejo, com orgulho materno, que um contato mais íntimo não destruiu toda a impressão. Se você quisesse me agradar, encontraria alguns minutos para me dar notícias suas. [...] E também, você mealaria de meu filho, se ele leu para você alguns dos versos dele, e se você acredita que existe aí algo a mais do que a facilidade. Você sabe o quanto confio em você; acreditarei no que acreditar e seguirei seus conselhos. Se você disser que sim, encorajaremos o bom rapaz no caminho que ele prefere; mas se disser que não, vamos mandá-lo fazer perucas... ou algo do tipo... Portanto fale com franqueza à sua velha amiga. (MAUPASSANT, L., 1873, carta 16)².

Muito provavelmente, Flaubert, convidado a dar o “julgamento final”, aceita o encargo em memória de seu melhor amigo, pois Guy de Maupassant remexe velhas lembranças suas. Não há ninguém melhor do que o próprio Flaubert para falar de sua relação com Alfred Le Poittevin. Em um texto intitulado “*Gustave Flaubert*”, publicado no jornal *L'écho de Paris* em 1890, Guy de Maupassant (1890a) reproduz os dizeres de seu mestre:

Ele próprio [Flaubert] disse e escreveu que, no início de sua vida, o seu amor imoderado pelas letras lhe foi inspirado, em parte, pelo seu mais íntimo e mais querido amigo,

² As cartas citadas neste artigo constam do site de Thierry Selva (2009) que oferece ao pesquisador mais de 800 cartas do escritor digitalizadas. A partir de agora, após cada citação referente a essas cartas, indicarei entre parênteses a data em que Maupassant as escreveu, seguida do número em que aparecem no site.

morto na juventude, meu tio, Alfred Le Poittevin, que foi seu primeiro guia na estrada artista, e, por assim dizer, o revelador do mistério embriagante das Letras. Encontro, em sua correspondência comigo, esta frase: “Ah! Le Poittevin, que viagens no sonho ele me proporcionou! Conheci todos os homens notáveis dessa época, pareceram-me pequenos perto dele.”

Ele havia guardado o culto, a religião dessa amizade.

E continua descrevendo a reação de Flaubert e a primeira impressão que causou a Maupassant ao ser recebido com tanto carinho:

Quando me recebeu, ele disse, examinando-me com atenção: “Olhe, como o senhor se parece com meu pobre Alfred.” Depois, continuou: “Aliás, não é estranho já que era o irmão de sua mãe.”

Convidou-me para sentar e me perguntou várias coisas. Minha voz, segundo ele, tinha entoações muito parecidas com as da voz de meu tio; e, de repente, vi os olhos de Flaubert cheios de lágrimas. Levantou-se, vestido dos pés à cabeça com o grande roupão marrom com largas mangas que se parecia com uma roupa de padre, e levantando seus braços, disse-me com uma voz vibrante da emoção do passado:

“Beije-me, meu rapaz, emociona-me vê-lo. Pensei, naquela hora, estar ouvindo Alfred falar.”

E certamente foi isso a verdadeira causa, profunda, de sua grande amizade por mim.

Com certeza, trouxe-lhe toda sua juventude desaparecida, pois, criado em uma família que foi quase a sua, eu lhe lembrava toda uma maneira de pensar, de sentir, até mesmo de expressar, tiques de linguagens que ninaram quinze anos de sua primeira vida. Era para ele tal qual uma aparição de outrora. (MAUPASSANT,1890a).

Assim, torna-se aluno e amigo do mestre Flaubert, que continuará ao longo de uma década o trabalho que Laure havia começado. Essa mãe soube proporcionar a seu filho um relacionamento afetuoso que gerou nele segurança, confiança e proteção, o que certamente não teria sido possível se ela não tivesse optado por se separar de Gustave de Maupassant. Após essa rápida retrospectiva sobre os primeiros anos de vida de Maupassant, fica evidente a importância dos papéis que Laure assumiu na vida do escritor, entre os quais, o de mentora literária:

Portanto, não surpreende o fato de que, nas cartas que vamos ler, Guy tenha confiado à sua mãe, provavelmente com uma liberdade maior até mesmo do que aquela tida com Flaubert, todos os seus projetos de versos, de peças de teatro, de romances ou de contos. Sabia encontrar nela um crítico sagaz, porque foi ela que, durante seus longos anos de infância rural, o havia formado, modelado à sua imagem, e lhe havia dado o gosto profundo dessa natureza normanda, de onde tirou o melhor de sua inspiração. (ARTINIAN, 1951, p.5).

Por outro lado, e antes de abordar a questão da literatura na carta, convém descrever o conjunto de missivas mandadas à mãe e propor algumas reflexões. Eu tive acesso a 43 cartas escritas entre 2 de maio de 1864 e 19 de novembro de 1891. A primeira, Maupassant escreve-a aos 14 anos, quando estuda no internato de Yvetot, e a última, aos 41 anos, dois anos antes de sua morte. Em geral, elas testemunham uma necessidade de manter as relações não só com a mãe, mas com outras pessoas da família, como, por exemplo, o irmão, o pai, o primo, e outros. Além de informarem sobre o seu cotidiano ao destinatário, têm como função preencher a ausência que a distância provoca e, assim, tentar reencontrar o outro por meio das palavras. Mais do que em qualquer outra, sente-se nessas cartas familiares uma necessidade evidente de comunicar e de manter um contato com quem está distante, qualquer que seja o valor comunicativo do conteúdo.

Vista a partir desse ângulo, é possível distinguir uma primeira fase na correspondência entre Guy de Maupassant e sua mãe. Nas cartas iniciais, logo após Maupassant ter deixado a Normandia para se instalar em Paris, surge, junto com a separação, a saudade de casa. O tom do missivista revela uma nostalgia que o enche de tristeza e melancolia. A descrição de seu estado de alma mescla-se com o relato de fatos corriqueiros ligados à família. O episódio da morte de Jules de Maupassant, o comportamento do pai e do resto da família diante da questão da herança, as relações estremecidas com o primo e os desentendimentos passageiros com o pai são alguns exemplos de temas que fornecem o teor das cartas em que o epistológrafo, ao escrever, abole a distância que o separa da mãe, amiga, confidente e musa.

O principal parâmetro da separação é o tempo que, para o escritor, parece ter duas medidas: o de sua vida em Paris, longe de sua mãe e sua família, e, em contraposição, o tempo das estadas na região natal, um tempo que se esvai. Em 24 de setembro de 1873, Maupassant volta de férias da casa de sua mãe e sente-se desesperado. A necessidade de escrever e, conseqüentemente, de receber uma carta, é justificada pelo estado depressivo do missivista. Assim, mais do que dar notícias, a carta é um desabafo com a mãe, em um momento de grande solidão. Nesse instante, vê-se claramente que a correspondência entre os dois tem como papel ajudar a suportar o sentimento de solidão, de tristeza e de deslocamento no mundo. Uma carta da mãe representa um reconforto para a tristeza do epistológrafo, que não hesita em lhe pedir que escreva:

Você vê que não demoro em lhe escrever, mas na verdade não posso esperar mais tempo. Estou tão perdido, isolado, e tão desmoralizado que tenho de lhe pedir algumas

boas páginas. Estou com medo do inverno que está chegando, me sentindo sozinho, e minhas longas noites de solidão são algumas vezes terríveis. Quando estou só diante de minha mesa com a minha triste lâmpada que queima em minha frente, freqüentemente sinto momentos de desespero tão intensos que não sei mais a quem recorrer. [...] Gostaria muito de voltar quinze dias atrás, é sem dúvida muito rápido, não temos o tempo de nos ver e de nos falar, e quando as férias acabam, pensamos: « Mas como isso aconteceu? Acabei de chegar, ainda não conversei com ninguém. » (MAUPASSANT, G., 1873, carta 20).

Essa vivência subjetiva do tempo permanece durante alguns anos, certamente durante os anos de adaptação em Paris e de melhoria da situação sócio-econômica. Em 3 de setembro de 1875, o escritor novamente está voltando das férias em Étretat e se lamenta como na carta anterior. Desta vez, se o tempo das férias continua voando, o tempo do trabalho de funcionário público parece não acabar nunca:

Assim, minha querida mãe, acabou-se, como foi rápido! Espero durante onze meses, muito longos, esses quinze dias que são meu único prazer do ano, e eles passam tão rápido, tão rápido, que eu me pergunto hoje como já podem ter acabado. Será que eu fui mesmo a Étretat e que passei quinze dias aí? parece-me que nem saí do Ministério e que ainda estou esperando essas férias... que acabaram hoje de manhã. [...] Hoje, o dia parece-me interminável, com certeza mais longo que os quinze dias que acabo de passar em Étretat. São quatro e meia, cheguei ao escritório só ao meio dia e meia e parece-me que estou trancado aqui dentro há pelo menos dez horas. (MAUPASSANT, G., 1875b, carta 44).

Vale notar que o tempo que mede a separação parece indissociável da referência ao espaço que, por sua vez, oferece duas percepções antagônicas de Maupassant: a imagem da solidão em Paris e a imagem reconfortante da região natal:

O céu está bem azul e, entretanto, eu nunca havia notado tanto quanto hoje a diferença de luz entre Étretat e Paris; parece-me que não estou enxergando, é como se tivesse um véu nos olhos. Puxa vida! Está muito quente aqui, muito, muito mais. Como seria bom tomar um banho de mar. Há um fedor por toda parte; acho que o esterco do seu açougueiro tem um cheiro gostoso, quando comparado com o das ruas de Paris. (MAUPASSANT, G., 1875b, carta 44).

Na verdade, o tempo e o espaço da separação são reflexos de um sentimento de vazio que o epistológrafo procura preencher com a presença do outro em sua imaginação. Parece que a imagem dos espaços em comum – espaços e objetos

familiares – modifica-se e essa nova percepção aguça os sentimentos do escritor. Seja na lembrança dos momentos que passaram juntos, seja na projeção de um encontro próximo ou não, a mãe está permanentemente presente e encenada pelo missivista, que se identifica com ela no sentimento de tristeza provocado pela distância. Na volta das férias, quando expressa sua angústia da solidão, atribui os mesmos sentimentos à mãe: “E, muitas vezes, eu me dizia nesses momentos, durante o último inverno, que você devia sentir também tristezas terríveis nas longas e frias noitadas de dezembro e de janeiro.” (MAUPASSANT, G., 1873, carta 20). Na segunda vez em que voltou de férias de Étretat, surge novamente a imagem de sua mãe solitária e triste em sua casa, visão que motiva e justifica os sentimentos do escritor:

O que tornou minha volta ainda mais triste, desta vez, é que sinto muito medo por você da solidão absoluta em que vai estar neste inverno, vejo as longas noites em que você estará sozinha, sonhando tristemente com aqueles que estarão longe, sonhos que a deixarão doente e desanimada; e muitas vezes, certamente, durante as noites intermináveis de inverno, quando estarei trabalhando sozinho, terei a impressão de ver você, sentada em uma cadeira baixa, olhando fixamente sua lareira, como fazem as pessoas entregues a seus devaneios. (MAUPASSANT, G., 1875b, carta 44).

Essa imagem traz à tona uma situação que pode ter acentuado os problemas neuróticos de Laure, surgidos nos primeiros anos de seu casamento: fortes enxaquecas, crises nervosas que, em certo dia, resultam em uma tentativa de suicídio. Isso explica em parte a atenção que Maupassant vai demonstrar para com a mãe durante toda a sua vida, convivendo com ela ou lhe escrevendo, sempre que possível. Vale observar que essa cena da mãe solitária remete diretamente à obsessão recorrente do escritor em várias cartas: o medo do frio. Alguns dias depois, em 6 de outubro de 1875, a mesma angústia domina o início da missiva:

Imagino que você deva estar muito só, minha querida mãe, e o inverno, que se prevê muito frio, apavora-me um pouco por você. Se, pelo menos, fosse o mês de janeiro, teríamos passado o período mais terrível. Quando os dias ficam mais compridos, para mim, estamos salvos. É dezembro que me aterroriza, o mês negro, o mês sinistro, o mês profundo, a meia-noite do ano. Já nos deram candeeiros no Ministério. Daqui a um mês, os fogareiros serão acesos. Eu gostaria muito que chegasse o dia em que eles não fossem mais necessários. (MAUPASSANT, G., 1875a, carta 47).

Seis anos mais tarde, desta vez em Étretat, o frio se mescla à solidão, à demência e ao vazio da vida:

Quanto a mim, assôo o nariz, espirro, atacado por uma rinite aguda, pois viajei a noite inteira com um frio de cinco graus, e não posso me aquecer em nossa casa gelada. O vento frio assopra debaixo das portas, o candeeiro agoniza, e o fogo vivo ilumina-me, um fogo que queima o rosto e não aquece o cômodo. Todos os velhos objetos estão ao meu redor, tristes, deploráveis, nenhum som vem do povoado morto, no inverno. Não se escuta o mar.

Sinto ainda mais frio da solidão da vida que da solidão da casa.

Sinto essa imensa angústia de todos os seres, o peso do vazio. E em meio a essa dispersão de tudo, meu cérebro continua lúcido, bom, iluminando-me com o Nada eterno. (MAUPASSANT, G., 1881b, carta 208).

Convém apontar para o fato de que esse medo obsessivo do frio se contrapõe ao desejo de viver em um país quente. É o calor que, nos primeiros anos passados em Paris, lhe traz imagens reconfortantes de sua região natal e dos seres queridos. Em julho de 1875, Maupassant confessa a sua vontade enorme de estar em Étretat e a impossibilidade de satisfazê-la:

Você me pergunta quando irei passar um dia em Étretat. Puxa, como eu adoraria: sinto, nos últimos tempos, saudade de minha terra e, em dias de calor, parece que estou vendo, a todo o momento, nossa praia resplandecente de sol, e entrevendo minha *gente*, ora em uma rua, ora em outra, mas estou tão excessivamente pobre, tão desastrosamente arruinado que isso é realmente impossível. (MAUPASSANT, G., 1875c, carta 43).

Como diz ele, “Como seria bom estar em um país onde houvesse sempre sol!” (MAUPASSANT, G., 1875b, carta 44). Se Maupassant não consegue realizar esse desejo, contudo, vai passar muitos momentos de sua vida em lugares que lhe proporcionam bem-estar. Aliás, toda vez que escreve à sua mãe de um país quente, manda-lhe boas notícias. Durante uma viagem na África em que diz ter “notícias excelentes”, escreve: “Aguardo admiravelmente o calor” (MAUPASSANT, G., 1881a, carta 238).

Nove anos depois, encontra-se em Constantina, na Argélia, e, novamente, comenta os efeitos benéficos da cidade: “[...] esse país tem um sabor único para mim. [...] Começo a sentir realmente a influência benéfica do calor.” (MAUPASSANT, G., 1890b, carta 648). Na verdade, essa atração pelo calor e esse medo do frio estão intimamente ligados, para o escritor, à questão de sua saúde. Ele próprio chega a essa conclusão. Três anos antes de sua morte, diz à sua mãe: “Acho que o meu temor do frio se tornou um resultado de minha própria doença, cuja principal causa é o frio.” (MAUPASSANT, G., 1890c, carta 635).

Talvez seja por isso também que um dos temas mais recorrentes nas cartas à mãe é a saúde. Suas cartas, neste aspecto, seguem o modelo epistolar de sua época. Sabe-se que a saúde é um tema que predomina na correspondência pessoal do século XIX. Para ele, é quase impossível não falar dela, já que, como se viu, tanto ele quanto a mãe, sem esquecer o seu irmão Hervé, apresentam vários problemas de saúde, que o escritor procurou entender a vida inteira. Em inúmeras missivas, e isso desde os primeiros anos de sua correspondência, dedica longos trechos de suas cartas à mãe ao seu estado de saúde, ou ainda, a pedido da própria Laure, fornece informações sempre detalhadas sobre uma doença de que ela ou o irmão Hervé sofrem. Assim, em 26 de novembro de 1874, descreve, em mais da metade de uma carta, os efeitos da tênia que seu irmão Hervé parece ter contraído, e lhe indica os tratamentos e os cuidados que vários médicos lhe recomendaram. Três anos depois, volta a relatar, com inúmeros detalhes, o que outros médicos lhe disseram acerca da mesma doença que, desta vez, infectou a mãe³.

O cuidado consigo mesmo e com os outros volta e meia surge mesclado com outras notícias, e, com o passar do tempo, vai se tornando cada vez mais presente. A partir de 1890, não há nenhuma carta em que o escritor não aluda ao seu estado físico. Sabe-se que, em 1877, ele começa a sentir os primeiros sintomas da doença fatal, a paralisia geral, ligada a uma sífilis que contraiu na juventude. Em 1881, Maupassant sofre tanto que recorre ao uso de várias drogas como o haxixe, o éter e a morfina para agüentar as dores que a doença provoca. Três anos depois, é o sistema nervoso que é atingido. O escritor quer conhecer as causas dos problemas que o afligem, não só a ele como também à mãe e ao irmão, e assiste, junto com Sigmund Freud, às aulas do professor Charcot no hospital Salpêtrière, entre 1884 e 1886. Contudo, diferentemente de Zola, cujas preocupações científicas se situam no cerne dos debates da segunda metade do século XIX, permanece mais distante do meio médico.

De fato, se Maupassant passou os últimos doze anos de sua vida à procura de um tratamento para aliviar suas dores, contudo, permaneceu sempre cético e crítico diante dos médicos e da medicina. Em uma época em que as curas termiais são um fenômeno na moda, ligado não só à questão da saúde mas também à do lazer, Maupassant que, em vários textos, se tratou em estações famosas, mostra-se irônico. A visão negativa dessa medicina termal passa pela crítica aos motivos interesseiros e capitalistas que impulsionam os verdadeiros agentes desse fenômeno social: os médicos e os donos das terras de onde as fontes

³ Ver a carta 74, de novembro de 1877.

de água quente brotam. A passagem do conto “*Malades et médecins*”, publicado no jornal *Gil Blas* em 1884, com sua referência explícita a Molière, é bastante representativa:

A região da Auvergne é a terra dos doentes. Todos os seus vulcões extintos parecem caldeiras fechadas nas quais ainda estão se aquecendo, no ventre da terra, águas minerais de toda natureza. Dessas grandes panelas escondidas saem fontes quentes que contêm, segundo os médicos interessados, todos os medicamentos próprios para todas as doenças.

Em cada uma das estações termais que se cria nos arredores de cada riacho morno descoberto por um camponês, trava-se uma série de cenas admiráveis. Primeiramente, é a venda da terra pelo dono, a formação de uma sociedade com capital fictício, o milagre da construção de um estabelecimento, com fundos imaginários e pedras verdadeiras, a instalação do primeiro médico, com o título de médico inspetor, a aparição do primeiro paciente e, depois, a eterna e sublime comédia entre esse paciente e esse médico.

Toda cidade termal para um observador é uma Califórnia de cômico. Cada médico é um tipo delicioso, desde o médico correto, à maneira dos ingleses, de gravata branca, até o cético, espirituoso e esperto, que conta aos amigos seus procedimentos e suas artimanhas.

Entre esses dois modelos, encontra-se o médico paternal e bonzinho, o médico cientista, o médico brutal, o médico para mulheres, o médico de cabelos compridos, o médico elegante, e muitos outros. Cada tipo de médico encontra infalivelmente seu tipo de paciente, sua clientela de ingênuos. E cada dia, entre eles, em cada quarto de hotel, recomeça a admirável farsa a respeito da qual Molière não falou tudo. Oh! Se esses médicos falassem, que anotações, que documentos maravilhosos poderiam nos dar sobre o homem! (MAUPASSANT, G. 1884).

Contudo, Maupassant recorre muitas vezes a célebres médicos da época. Assim, em março de 1891, seu estado de saúde piora e o autor consulta o famoso neurologista Jules Déjerine (1886), cuja obra *L'Hérédité dans les maladies du système nerveux*, entre outras, serviria de base para fundamentar suas idéias sobre a hereditariedade. Maupassant relata à mãe o que esse médico lhe disse:

Consultei sobre meu estado nervoso um homem que é considerado muito superior a Charcot. Jovem e já professor e médico dos hospitais, todos os seus colegas o elogiam.

Examinou-me demoradamente, ouviu minha história, depois me disse: “O senhor teve todos os indícios daquilo que se chama neurastenia (estilo Charcot, antes chamada de histeria). É um excesso de trabalho intelectual: a metade dos homens de letras e da Bolsa é como o senhor. Em suma, nervos cansados com a canoagem, e depois com seus trabalhos intelectuais, nada mais do que nervos que desregulam tudo no senhor; mas sua constituição física é excelente, e o levará muito longe, com algumas preocupações.

“Higiene, *duchas*, um clima tranquilizador e quente no verão, longos descansos bem profundos, bem solitários. Não me preocupo com o senhor.”

Repetiu as mesmas coisas para Landolt e Cazalis. Chama-se Doutor Déjerine. (MAUPASSANT, G., 1891b, carta 680).

Passa-se mais de um mês e Maupassant novamente escuta uma opinião diferente sobre sua saúde. Desta vez, é um outro médico famoso que lhe fala, o dentista Doutor Magitot, um dos fundadores e presidente da Sociedade de antropologia que se especializou nas doenças e afecções dentárias:

Vamos conversar. Já que tenho a oportunidade de encontrá-lo, o que desejo há muito tempo, vou lhe dar conselhos de um sábio, pois o senhor levou uma vida de trabalho que *teria matado dez homens normais*. Há muito tempo que penso isso e queria adverti-lo. O senhor publicou 27 volumes em dez anos. Esse trabalho louco acabou com seu corpo. O corpo vinga-se hoje e imobiliza o senhor em sua atividade cerebral. Precisa de um descanso bem longo e total, Senhor. [...]

Gostaria que ficasse *bem isolado*, em um lugar *bem saudável*, não pensando em nada, não fazendo nada, e sobretudo não tomando nenhum remédio de nenhum tipo. Apenas água fria. (MAUPASSANT, G., 1891a, carta 697⁴, grifo do autor).

A partir daí, a maioria das cartas dos últimos anos é dedicada praticamente apenas a dar notícias de sua saúde. Nas missivas, Maupassant descreve, com certa precisão mórbida, os sintomas, as opiniões dos inúmeros médicos que cuidam dele ao longo da vida. Nem sempre os médicos, como se viu acima, indicam os mesmos tratamentos. E no final, Maupassant não sabe mais o que pensar nem o que fazer diante de tantas opiniões divergentes: “Quanto a mim, hesito de verdade. Não sei mais o que fazer.” (MAUPASSANT, G., 1891a, carta 697). Sua conclusão remete-me ao protagonista do texto “*Voyage de santé*”, publicado em *Le Petit Journal* de 18 de abril de 1886. M. Panard é um hipocondríaco que tem “[...] uma biblioteca médica com todas as obras sobre os tratamentos oferecidos ao público pelos médicos vulgarizadores e praticantes.” (MAUPASSANT, G., 1886). De início, acredita “[...] na homeopatia, na medicina dosimétrica, na metaloterapia, na eletricidade, na massagem, em todos os sistemas que são supostamente infalíveis, durante seis meses, contra todos os males [...]”; com o passar do tempo, relativiza o poder da medicina e chega à conclusão sábia de que “[...] a melhor maneira de evitar as doenças consiste em fugir delas.” (MAUPASSANT, G., 1886).

⁴ Carta escrita no final de abril ou início de maio de 1891.

A solução, porém, não é tão simples para Maupassant. Nevralgias, reumatismos, doença nervosa, problemas de visão, dores de dente, gripe, interferem cada vez mais em seu cotidiano e, claro, em sua obra, à qual ele ainda alude em algumas cartas, até que os médicos o proibam de escrever e de ler. Em uma das últimas cartas à sua mãe, dois anos antes de morrer, escreve as seguintes palavras:

Minha saúde, em contrapartida, não está boa. Minha visão não melhorou, mas tenho certeza de que isso se deve a um cansaço do cérebro, ou, melhor, a um cansaço nervoso do cérebro, já que depois de meia hora de trabalho, as idéias logo se misturam e se turvam ao mesmo tempo em que a visão, e a própria ação de escrever é muito difícil, os movimentos da mão mal obedecendo ao Pensamento. Já tive isso quando escrevi *Fort comme la Mort*. Quando descanso os olhos, durante dois ou três dias inteiros, a visão clareia. Mas estou extenuado pelos retoques de nossa peça e o pensamento do *L'Angélus*, que não anda. (MAUPASSANT, G., 1891c, carta 671).

Essa incapacidade de escrever no final de sua vida é o ponto culminante de algo que, na verdade, Maupassant enfrenta há muito: escrever apesar da doença e das dores. Não só escrever, mas refletir sobre sua escrita e comentar sua obra em sua correspondência, e isso desde a época em que deixa a Normandia e vai a Paris para estudar direito. Em 1869, instala-se em um pequeno quarto escuro no mesmo prédio de seu pai, e inicia sua aprendizagem da escrita literária com Flaubert. Há muito tempo sabe que essa arte passa obrigatoriamente pela leitura: o jovem provinciano continua lendo muito e, agora, partilha essa experiência com a sua mãe. Os papéis inverteram-se. De agora em diante, é ele que oferece a Laure, que vive no litoral, longe de Paris, a possibilidade de acompanhar a evolução da literatura francesa. Manda-lhe regularmente livros recém-saídos no mercado e comenta, nas cartas que os acompanham, a qualidade desses textos. Assim, em 1874, envia-lhe uma novela “sensacional” de um amigo seu, publicada no *Paris-Journal*, e alguns livros, dentre outros, um de Alphonse Daudet:

Se te agradar, mandar-te-ei pelo correio alguns livros novos que recuperarei no ano novo. Entre outros, o novo romance de Alphonse Daudet, *Fromont jeune et Risler aîné*. Até agora, só li algumas páginas dele cheias de observações extremamente verdadeiras e divertidas. (MAUPASSANT, G., 1874b, carta 31).

Outra vez, a pedido da mãe, comenta uma peça de teatro em cartaz e, ao mesmo tempo, lhe anuncia a representação de uma peça sua para um público seletivo. Diz ele: “Vamos, alguns amigos e eu, representar no ateliê de

Leloir uma peça *absolutamente* lúbrica à qual assistirão Flaubert e Turgueniev.” (MAUPASSANT, G., 1875d, carta 36). Com a fama aumentando, passa a lhe mandar as críticas dos jornalistas sobre suas próprias obras.

Sabe-se o quanto Maupassant escrevia e o quanto se dedicava à sua escrita. Contudo, Flaubert achava que ainda não era o suficiente e lhe pedia mais dedicação. Logo que se muda para Paris, treina a escrita sabendo que não poderá publicar nada antes da avaliação positiva de seu mestre, e, portanto, escolhe sua mãe, que sempre o acompanhou na sua aprendizagem, para ser sua primeira leitora. Assim, em 1873, nos momentos de solidão, o escritor comenta despreziosamente o resultado de algo que, segundo ele, foi redigido essencialmente para fugir de pensamentos tristes:

Escrevi, há alguns instantes, para me distrair um pouco, algo parecido com os *Contes du Lundi*. Mando-lhe sem nenhuma pretensão, já que escrevi em quinze minutos. Contudo, peço-lhe para mandá-lo de volta, porque poderei usá-lo. Há várias frases incorretas, mas as corrigirei quando as utilizar de novo. (MAUPASSANT, G., 1873, carta 20).

Embora sugira que esse texto não seja importante, e nem bem escrito, pede à mãe para mandá-lo de volta, querendo reaproveitá-lo, o que permite inferir que a sua obra, em certos momentos, se constrói a partir da reescrita e da reordenação de elementos dispersos. Aliás, convém dizer de passagem que pede de volta quase tudo o que lhe envia, escritos seus ou não. Ao mesmo tempo em que encaminha o texto à sua mãe, julga-o com olhos críticos, como se quisesse responder antecipadamente a uma possível avaliação negativa. Em primeiro lugar, ao estabelecer uma comparação entre seu texto e outro que acaba de ser publicado por Daudet, revela que está a par da produção dos escritores contemporâneos e da influência desses sobre ele. Em segundo lugar, define a relação entre o tempo dedicado à escrita e a qualidade do texto produzido: para ele, o tempo é um fator fundamental e decisivo na construção da obra, é preciso tempo para escrever bem.

Cinco anos depois, em 1878, ao expor a Laure os princípios que norteiam as crônicas que escreve a pedido do diretor do jornal *Le Gaulois*, refere-se novamente à questão do tempo. Exige que os textos sejam escritos sem pressa: “Enfim, só gostaria de escrever artigos que ousaria assinar e nunca inscreveria meu nome no final de uma página escrita em menos de duas horas.” (MAUPASSANT, G., 1878a, carta 90). O escritor mostra já estar consciente de que a obra não nasce espontaneamente, que é preciso trabalhar muito e se concentrar sobre o texto para chegar a um resultado satisfatório. É interessante observar que exige o

mesmo rigor em suas cartas à mãe. Em 1881, após expressar sua sensação de desvario, avalia a sua escrita com as seguintes reflexões: “Parece uma frase do velho Hugo: mas eu precisaria de muito tempo para tornar minha idéia clara em uma linguagem precisa. O que me prova mais uma vez que a ênfase romântica se deve à ausência de trabalho.” (MAUPASSANT, G., 1881b, carta 208) Por trás da ironia, os ensinamentos de Flaubert sobressaem. Aprende com ele a valorizar a documentação rigorosa e a observação minuciosa da realidade; aprende também a desconfiar dos modelos e das influências, e entende que o essencial, para o escritor, é ser “original”.

Em outra carta, por meio de cálculos minuciosos que revelam certo senso de organização, argumenta e reclama que até mesmo as visitas semanais a Flaubert desviam-no de sua escrita. Como, nessa fase da vida, Maupassant ainda depende do emprego de funcionário público para sobreviver, restam-lhe poucos momentos para treinar a escrita:

Tive pelo menos 10 visitas para fazer – indispensáveis, e isso representa pelo menos três semanas de trabalho perdidas. Os dias em que saio, é impossível fazer algo – e como para trabalhar só tenho quatro noites por semana, isso me ocupa o tempo todo. 10 visitas (sejam 9) divididas por 3 – portanto representa de fato 3 semanas menos 1 noite de trabalho em cada 7. Digo que só tenho 4 noites por semana e é verdade. Tiramos o domingo. Meu dia na casa de Flaubert me priva da tranquilidade necessária ao trabalho. Vou quinta à noite à casa de Zola após ter jantado com meus amigos... (MAUPASSANT, G., 1878d, carta 86).

Fica evidente aqui que a vida social é vista, em certos aspectos, como inimiga da profissão de escritor, assim como o é a estação quente do ano, o verão. Uma semana depois, Maupassant diz que está escrevendo um romance e comenta com a sua mãe:

Estou trabalhando firme em meu romance e espero ter escrito uma boa parte antes do verão: pois você sabe que não progrido muito quando chega essa estação. Enfim, com muito atraso, acabarei certamente no início do ano que vem. E, talvez, eu acabe muito antes. (MAUPASSANT, G., 1878c, carta 87).

Sete anos depois, reitera essa mesma idéia:

Quanto a mim, pretendo partir terça-feira à noite para chegar quinta em Étretat. Preciso muito trabalhar. É provável que eu vá a Cannes, ou a Nice se você estiver em Nice, bem cedo, para escrever de uma só vez o romance que estou preparando aqui, a fim de acabá-lo no próximo verão e ter esse verão inteiro livre para circular. (MAUPASSANT, G., 1885a, carta 394).

Essa preocupação de Maupassant com o tempo perdido é facilmente compreensível quando se observa a sua dinâmica de trabalho. Em várias cartas, é possível perceber que ele trabalha muito. Nas primeiras missivas, quando está no Ministério da Marinha, vê-se que ele consegue se dedicar à escrita literária em seu emprego e, sobretudo, levar adiante vários projetos literários de gêneros diferentes. Em 1874, pede à mãe para lhe fornecer idéias de novelas, enquanto vai trabalhando simultaneamente em seus textos teatrais: “Tente achar para mim temas de novelas. De dia, no Ministério, poderei trabalhar um pouco nelas. Pois minhas peças ocupam todas as minhas noites e tentarei publicá-las em um jornal qualquer.”⁵ A menção a essa capacidade de compor várias obras ao mesmo tempo reaparece em uma carta de 1875:

Não sei de que maneira ajeitar meu capítulo da empregada e do macaco em *Héraclius* e estou muito confuso. Estou começando minha comédia *Une Répétition* e, assim que estiver acabada, farei, concomitantemente às minhas novelas de canoagem, uma série de novelas intituladas *Grandes Misères des Petites Gens*. Já estou com seis temas que acho serem muito bons. Em contrapartida, não são muito alegres. (MAUPASSANT, G., 1875a, carta 47).

Nesses primeiros anos de vida parisiense, o jovem Maupassant está aberto a tudo que diz respeito à literatura. Ele precisa tatear em vários caminhos que, em uma primeira instância, representam um meio de se sustentar financeiramente. Participa de concursos literários que podem lhe abrir portas na sociedade dos artistas e no mercado editorial. Diz ele: “O concurso da Gaîté foi adiado para 15 de março, o que achei muito bom, pois assim terei tempo de acabar algo até lá. Remanejei o plano de M. De Beaufreton e penso que está bem agora. Mas tenho algo para acabar antes de começá-lo.” (MAUPASSANT, G., 1874b, carta 31).

Um mês depois, já definira melhor o que pretendia fazer para o concurso em questão. Escreve à mãe: “Aliás, quero deixar tudo o que estou fazendo agora para começar uma comédia curta de um ato, a qual, talvez, possa acabar para o concurso – e a qual, acho, não será ruim. Eis o tema.” (MAUPASSANT, G., 1874a, carta 32). A seguir, descreve longa e detalhadamente o plano da trama da peça que gira em torno do tema do filho bastardo, um dos temas que desvelam o sofrimento do escritor com a desunião de seus pais. Todas as histórias de filho bastardo, de pais infelizes, de casamentos falidos, relacionam-se com a história de vida de Maupassant. Se o escritor não fala mais desse projeto nas cartas seguintes, nem por isso descarta o tema de sua obra. Em 1891, oferece

⁵ Maupassant, G. (1874b, carta 31).

ao público parisiense um drama em três atos intitulado *Musotte*⁶ – adaptação da novela “*L’enfant*”, publicada em 1882 – onde novamente aborda a questão do filho ilegítimo. Um artista pintor, famoso e condecorado, Jean Martinel, fica sabendo no dia de seu casamento com Gilberte que sua antiga amante está morrendo após ter tido um filho dele. O casal resolve enfrentar a opinião pública e adotar a criança. Maupassant já é famoso e a peça, desta vez, tem sucesso:

Musotte está indo muito bem. O teatro está lotado. Quatro trupes parisienses vão partir para o interior. Negociamos especialmente com Rouen, Lyon, Bordeaux, Lille. No exterior, vamos ser representados em Bruxelas, Berlim, Viena. Na Itália, em Portugal, na Suécia, na Dinamarca, em São Petersburgo. O exterior não me dá muito dinheiro, mas que propaganda! (MAUPASSANT, G., 1891b, carta 680).

E Maupassant sabe muito bem que uma das chaves do sucesso literário depende também da propaganda e de muitos outros fatores ligados ao mercado editorial. Desde o início, pretende viver de sua pluma, e até o final vai cuidar do aspecto comercial de seus textos. Aceita publicar suas obras em jornais, pois sabe que esse meio permite que um público maior as leia. Assim, em 1878, refletindo sobre a necessidade de escrever algo novo em um mês, no máximo, diz ele: “A vantagem enorme dessas publicações nos jornais é que você fica conhecido nos quatro cantos da França, você entra à força nas memórias como essas sementes de plantas que o vento vai semear a centenas de léguas.” (MAUPASSANT, G., 1878b, carta 89).

Sabe também que a publicação de um romance em jornal representa um dinheiro significativo para quem está iniciando a carreira de escritor. Contando com a nomeação iminente de Zola como diretor de uma revista literária que está para ser lançada, sabe exatamente o quanto a publicação de um romance seu representa: “Meu romance publicado nessa revista me dará, de imediato, 4 ou 5 mil francos.” (MAUPASSANT, G., 1878a, carta 90). Apenas a título de comparação, observa-se que, na mesma época, o autor recebe para suas crônicas em torno de seis mil francos por ano. A partir de então, em várias cartas, Maupassant fornece à mãe informações sobre a venda de suas obras, faz as contas dos números de edição atingidos, dos livros vendidos, do dinheiro a ser ganho... Em 1885, esclarece sua mãe sobre o romance *Bel-Ami*⁷:

Nada novo a respeito de *Bel-Ami*. É esse livro que não me deixa ir a Étretat agora, pois estou me mexendo bastante para ativar a venda, mas sem muito sucesso. A morte de

⁶ Confira (MAUPASSANT, G., 1930).

⁷ Confira Maupassant, G. (1987a).

Victor Hugo foi um golpe terrível. Estamos na vigésima sétima edição, ou seja, 13000 vendidos. Como eu lhe dizia, chegaremos a vinte mil ou vinte e dois mil. É bastante honroso, e é isso. (MAUPASSANT, G., 1885b, carta 389).

Dominique Frémy (1988) fornece informações interessantes sobre os ganhos financeiros e a vida material do escritor. Segundo ele, quando o escritor trabalhava como funcionário público e contava com a ajuda financeira de seu pai, aos 22 anos, ganhava 2650 francos por ano; aos 27 anos, em torno de 3900 francos e, aos 29, em torno de 4200 francos. Depois, inicia sua carreira de jornalista. Ao 30 anos, recebe pelas suas crônicas em torno de 6000 francos por ano e, aos 35, torna-se um dos cronistas mais bem pagos da época. Enquanto romancista, aos 41 anos, ganha para publicar seus romances 1 franco por linha e 500 francos para um conto. Considerando a obra toda – romances, novelas, relatos de viagem – no total a venda de seus textos representava, aos 30 anos, um ganho de 30000 francos por ano, aos 35, mais de 40000 francos e, aos 40, 100000 francos.

Maupassant, contudo, distingue muito bem o sucesso de venda do sucesso literário. Em 1887, acaba de escrever o romance *Pierre et Jean*⁸. Comenta com sua mãe que, por conta dos acontecimentos políticos, o editor teve de adiantar a data de publicação do livro. Refere-se a um momento de crise entre a França e a Alemanha, provocado essencialmente pelo então ministro da guerra, o general Georges Boulanger. Alguns dias antes da carta de Maupassant, em 17 de setembro de 1887, o chefe militar fez um discurso insuflando uma política belicista contra a Alemanha. Provoca assim uma crise diplomática aguda que quase leva à guerra entre os dois países. O governo francês resolve aposentar o general, que se tornou perigoso. Em reação, o “General Vingança”, apoiado por republicanos nacionalistas ávidos por uma revanche contra a Alemanha, e por monarquistas querendo derrubar a República, cria o movimento político francês, o boulangismo, que constituiu uma ameaça para a Terceira República. A crise só acaba quando o general, acusado de complô contra a segurança do Estado, foge para a Bélgica em 1889, antes de se suicidar em 30 de setembro de 1891.

Esse clima evidentemente reflete-se no mercado editorial. Todos os escritores vêem a venda de suas obras prejudicada por esses fatores externos. “*Mensonges*, de Bourget, faz um grande sucesso literário, mas a venda é prejudicada por todas essas preocupações que oprimem o público.” (MAUPASSANT, G., 1887,

⁸ Confira Maupassant, G. (1987b).

carta 468⁹). O clima nacional de inquietude reflete-se na literatura. Contudo, se Maupassant mostra sua preocupação com a situação nacional – “Estamos muito preocupados com os acontecimentos políticos e, sobretudo, com as ameaças por parte da Alemanha [...]” – e com a sua situação financeira – “[...] os tempos são muito ruins para nós: não vendemos nada.” (MAUPASSANT, G., 1887, carta 468). – sabe que nada disso diz respeito à qualidade da obra.

Todos esses fatos podem atrapalhar a venda de um livro, mas, no caso do romance *Pierre et Jean*, há uma razão a mais: é a sua própria natureza. Segundo o autor, “[...] o livro é bom [...] mas é cruel, o que o impedirá de ser vendido.” (MAUPASSANT, G., 1887, carta 468). Não é a primeira vez que o escritor vê uma obra sua não ser aceita pelo público ou pelos editores por causa de sua crueldade. Em 1878, um drama seu é recusado no teatro pelas mesmas razões. Conta à mãe: “Meu drama foi definitivamente recusado pelo *Français* e Perrin acredita que não será recebido em nenhum lugar porque ele acha o segundo ato de uma violência e ferocidade loucas. Já contava com isso e não fiquei nem um pouco surpreso.” (MAUPASSANT, G., 1878a, carta 90). De fato, quinze dias antes disso, já havia escrito à sua mãe: “Não tenho notícias do *Théâtre-Français*, fato que me deixa indiferente, pois tenho a certeza de que, por muitas razões que levariam tempo demais a serem explicadas, minha peça não será aceita. Não tenho nenhuma chance.” (MAUPASSANT, G., 1878b, carta 89).

Se esses contratempos se revelam desagradáveis para quem pretende viver de sua pluma, nem por isso compelem o romancista a mudar seu texto. Prefere trabalhar outros projetos literários que lhe permitem ganhar a vida, mas que, para ele, não representam a verdadeira arte. Por um lado, há a profissão que lhe dá dinheiro e, por outro, há a arte que lhe dá prazer estético. Assim, prevendo o fracasso financeiro de seu romance *Pierre et Jean*, toma a seguinte decisão:

Portanto, preciso tratar de ganhar minha vida sem contar muito com o mercado editorial e vou tentar o teatro que considero uma profissão, a fim de escrever meus livros como bem quero, sem me preocupar nem um pouco com o que acontecerá com eles. Se eu tiver sucesso no teatro, durmo tranqüilo, sem, aliás, abusar desse tráfico pseudo-literário. (MAUPASSANT, G., 1887, carta 468).

Maupassant não está disposto a adaptar seus romances ao gosto dos editores que almejam apenas um sucesso financeiro, nem ao gosto do público: só deseja escrever romances como bem os entende, sem deles esperar que o sustentem economicamente. Esse “como eu quero” fundamenta-se em várias técnicas de

⁹ Carta escrita no final de setembro de 1887.

escrita literária às quais alude em certas cartas à mãe. Em primeiro lugar, convém atentar para o fato de que, desde o começo de sua aprendizagem literária, o escritor tem o costume de elaborar planos de suas obras, antes de escrevê-las. E, certas vezes, esse passo é tão importante que pode durar mais de um mês. Assim, em 1878, comenta que Flaubert gostou muito de uma idéia que seu discípulo teve para um novo romance:

Flaubert, em contrapartida, mostrou-se bastante entusiasta com o projeto de romance que li para ele. Ele me disse: ‘Ah! sim, isso é excelente, eis um verdadeiro romance, uma verdadeira idéia.’ Antes de começá-lo de verdade, ainda vou trabalhar meu plano durante um mês ou seis semanas. (MAUPASSANT, G., 1878e, carta 83).

Observa-se que, antes mesmo de escrever o plano, o escritor redige o que ele chama de “projeto”, isto é, a idéia ou a trama do livro. Esses dois passos importantes precedem um trabalho ainda mais longo e mais árduo: a própria construção da obra. A escrita de Maupassant exige trabalho e reflexão. Em 1877, ele informa a sua mãe sobre o andamento de um romance: “Nesse momento, trabalho muito em meu romance. Mas é muito difícil, sobretudo pela organização de cada coisa e as transições. Enfim, daqui a quatro ou cinco meses estará bem adiantado.” (MAUPASSANT, G., 1877, carta 74). Refere-se a um procedimento de composição e de criação que, para ele, constitui um dos desafios de um romancista talentoso: a transição.

Dez anos depois, no célebre prefácio de *Pierre et Jean*, Maupassant explicita, com maior clareza, esse elemento fundamental para a composição de um romance. Como já disse anteriormente, opõe-se à técnica dos autores de romances romanescos que, para agradar ao público, transformam a realidade em uma aventura inverossímil, sobrevalorizando o final da história, e propõe um caminho diferente. Cabe ao romancista levar a personagem do ponto de partida para o de chegada, por um caminho marcado por encontros e acontecimentos escolhidos e selecionados por ele mesmo, dentro dos limites temporais que a duração da obra lhe impõe, pois, nela, é impossível contar tudo. Assim,

[...] o romance fecha-se entre dois limites bem próximos; o primeiro em que a personagem aparece, ou ainda sem forma, ou pronta para viver uma experiência fundamental que as circunstâncias haviam adiado [...] é um ponto de partida; o segundo, quando a personagem oferece um rosto definido, normalmente até mesmo cristalizado, constitui um fim natural. (VIAL, 1954, p. 454).

É a técnica que se encontra, por exemplo, em *Bel-Ami*. Como Maupassant revela na carta pública “*Aux critiques de Bel-Ami. Une réponse*”, que endereça aos críticos e aos jornalistas, “Simplesmente quis contar a vida de um aventureiro igual a todos aqueles que se encontram todo dia em Paris, e em todas as profissões.”, um rapaz humilde, “[...] filho de dois pobres camponeses de Canteleu [...]” que, em apenas três anos, consegue se tornar “um dos senhores da terra.” (MAUPASSANT, G., 1885c). A história constrói-se em torno dessa personagem que assegura coerência e continuidade à narrativa, marcada por “transições naturais” que Maupassant explica no estudo “*Le roman*”¹⁰, publicado como prefácio do romance *Pierre et Jean*, em 1888:

Ao contrário, o romancista que pretende nos dar uma imagem exata da vida, deve evitar com cuidado qualquer encadeamento de acontecimentos que pareça excepcional. [...] Portanto, deverá compor sua obra de uma forma tão hábil, tão dissimulada e de aparência tão simples que seja impossível entrever e indicar seu plano, descobrir as intenções do autor. [...] Portanto, a habilidade de seu plano não consistirá na emoção ou no encanto, em um início atraente ou em uma catástrofe comovente, mas no agrupamento hábil de pequenos fatos constantes, de onde se desprenderá o sentido definitivo da obra. Se ele sintetizar em trezentas páginas dez anos de uma vida para mostrar qual foi, entre todos os seres que a cercaram, sua significação própria e bem característica, deverá saber eliminar, entre os pequenos acontecimentos, numerosos e cotidianos, todos aqueles que lhe são inúteis, e iluminar, de uma maneira especial, todos aqueles que teriam permanecido despercebidos para observadores pouco sagazes e que dão ao livro seu peso, seu valor de conjunto.

Todos os elementos e episódios são responsáveis pela continuidade narrativa e, assim, levam a um desfecho imprevisível, porém, concebível. Cada elemento, pelo seu valor orgânico fundamental, é indispensável para a construção daquilo que segue e, ao mesmo tempo, muito marcado pelo que antecede.

Frequentemente, essa elaboração da obra é avaliada pelo próprio autor como algo difícil. Em 1888, quando redige o romance *Fort comme la Mort*, confessa à mãe: “Preparo lentamente meu novo romance, e acho-o muito difícil, pois ele deve ter muitas nuances, de coisas sugeridas e não ditas. Não será longo; aliás, ele deve passar diante dos olhos como uma visão da vida terrível, tenra e desesperada.” (MAUPASSANT, G., 1888b, carta 488). Como já se viu, a palavra “visão” é indissociável da definição de romance para Maupassant e não é nova em suas reflexões. O crítico André Vial diz que havia no escritor

¹⁰ Confira Maupassant, G. (1888a).

[...] a permanência de um objetivo que era discutido em todas as suas afirmações doutrinárias: o romance é “visão”; além da idéia, da inteligência abstrata e do julgamento, ele deve atingir no leitor essa região profunda onde os agrupamentos de símbolos tipográficos se transformam em sensação pura da coisa expressa. (VIAL, 1954, p.510).

Maupassant já a usara, um ano antes, em “*Le roman*”, para definir o sentido da obra literária e a meta de um romancista ao construí-la:

Seu objetivo não é contar-nos uma história, divertir-nos ou emocionar-nos, mas forçar-nos a pensar, entender o sentido profundo e escondido dos acontecimentos. De tanto ter visto e meditado, ele olha o universo, as coisas, os fatos e os homens de um certo modo que lhe é próprio e que resulta de suas observações refletidas. É essa visão pessoal do mundo que ele tenta nos comunicar ao reproduzi-la em um livro. Para nos comover, como ele próprio se comoveu diante do espetáculo da vida, ele deve reproduzi-la para nós com uma semelhança escrupulosa¹¹.

Novamente, as lições de Flaubert surtiram seus efeitos. A questão da originalidade volta e meia aparece por detrás das reflexões de Maupassant nas cartas que escreve à mãe. Em 1878, o diretor de um jornal parisiense lhe pede uma série de crônicas. Embora precise desse trabalho para melhorar sua situação econômica, ainda hesita em aceitá-lo. Eis a primeira razão que dá a sua mãe:

1º Não gostaria de escrever crônicas corriqueiras que seriam com certeza idiotas, consentiria somente em pegar de vez em quando um acontecimento interessante e desenvolvê-lo com reflexões e discursos paralelos. Vou fazer assim algo sobre os suicídios por amor que atualmente se repetem e tirarei daí conclusões inesperadas. (MAUPASSANT, G., 1878a, carta 90).

Nota-se aqui como Maupassant concebe um gênero tão comum em sua época, a crônica jornalística. Os princípios que o levam à redação do texto lembram os princípios em que a sociologia se baseia. Assim, no caso do tema aqui citado pelo autor, o suicídio, não se trata de discutir o acontecimento como um ato individual – o que revelaria uma abordagem psicológica –, mas de analisar sociologicamente tal ocorrência, isto é, de fazer a passagem do fato singular para o conjunto dos suicídios cometidos em sua sociedade. Ao invés de ver os suicídios como acontecimentos particulares, isto é, isolados uns dos outros e que demandam ser examinados, cada um separadamente, Maupassant propõe

¹¹ Confira Maupassant, G. (1888a).

considerar o conjunto dos que ocorrem no final do século XIX para dele tirar algumas explicações. Verifica-se que, dois anos depois dessa carta, o escritor publica uma crônica intitulada “*Suicides*”¹² em que a carta ocupa um papel determinante. O narrador da crônica relata:

Uma carta encontrada na mesa de um desses “suicidas sem motivo”, e escrita na última noite, perto do revólver carregado, veio parar em nossas mãos. Acho-a interessante. Ela não revela nenhuma das grandes catástrofes que sempre se buscam por detrás desses atos de desespero; mas mostra a lenta sucessão das pequenas misérias da vida, a desorganização fatal de uma existência solitária, cujos sonhos desapareceram, ela dá a razão desses fins trágicos que somente os nervosos e os sensíveis entenderão. Ei-la: “É meia noite: quando tiver acabado essa carta matar-me-ei [...]” (MAUPASSANT, G., 1880).

Nessa carta, o missivista mostra como a leitura de todas as cartas que recebeu e escreveu em sua vida vai levá-lo ao suicídio. Infeliz, cansado de viver a mesma vida há trinta anos, esse homem, em um dia de ínfima tristeza, decide pôr ordem na papelada que juntou durante anos em uma escrivinha. Essa decisão lhe é fatal. Adverte ele:

Oh! nunca mexa nesse móvel, nesse cemitério, das correspondências de outrora, se gostar da vida! E se, por acaso, o abrir, pegue todas as cartas que estão ali, feche os olhos para não ler nenhuma palavra, para que nenhuma caligrafia esquecida e reconhecida o lance no oceano das lembranças; queime esses papéis mortais; e quando forem cinzas, reduza-os a um pó invisível... ou então está perdido... como eu estou perdido há uma hora!... (MAUPASSANT, G., 1880).

Relendo todas as cartas, revive toda a sua vida, sua infância, seus amores, e no momento em que relê a última – uma carta que ele próprio escreveu à sua mãe quando pequeno – o desespero é completo:

Eu havia acabado de ler. Estava chegando à fonte, e bruscamente virava-me para projetar o resto de meus dias. Entrevi a velhice hedionda e solitária, e as futuras enfermidades e tudo acabado, acabado, acabado! E ninguém perto de mim.

Meu revólver está ali, na mesa... carregado-o... nunca releia suas cartas antigas.”

E eis como se matam muitos homens dos quais se vasculha em vão a existência para descobrir nela grandes tristezas. (MAUPASSANT, G., 1880).

¹² O texto é publicado no *Le Gaulois* de 29 de agosto de 1880, sob uma forma um pouco diferente, e intitulado *Comment on se brûle la cervelle*; depois, foi modificado no *Gil Blas* de 17 de abril de 1883 com a assinatura de Maufriigneuse, pseudônimo que o autor usa em seus artigos publicados nesse jornal. Enfim, o texto foi publicado na coletânea *Les soeurs Rondoli*. O pseudônimo foi inspirado em um nome dado a uma heroína de Honoré de Balzac, Diane d’Uxelles, duchesse de Maufriigneuse.

Vê-se que Maupassant cumpre o que disse em sua carta à mãe. Extraiu de um fato sociológico “conclusões inesperadas” ao atribuir o motivo de um gesto desesperado à releitura de cartas íntimas. Tal interpretação remete-me à reflexão de Brigitte Diaz (2002, p.75) para a qual “[...] a carta participa também da gênese de si.” No segundo capítulo “Correspondência e gêneses”, a crítica apóia-se em cartas de grandes escritores como Stendhal, Flaubert, George Sand, para mostrar que a correspondência, analisada em uma perspectiva sincrônica ou diacrônica, revela-se “[...] um objeto discursivo híbrido e plurívoco [...]” (DIAZ, 2002, p.68), que se aproxima do discurso da autobiografia e das memórias, nessa vontade de o epistológrafo descobrir o seu eu por meio da escrita. Assim como os outros textos relacionados à escrita do eu, a correspondência muda com o decorrer do tempo e, muitas vezes, o epistológrafo, no final de sua vida, já se esqueceu das primeiras manifestações de seu eu íntimo na juventude.

Assim, para eles, a carta inscreve-se como um refúgio onde é possível recusar qualquer forma de alienação social e, talvez, encontrar sua verdade individual. Situada entre uma infância muitas vezes sufocante e um futuro promissor e excitante, a correspondência da juventude, inteiramente centrada no eu, surge como uma espécie de diário onde os epistológrafos registram a crônica de sua vida e de sua alma. Em outras palavras, a missiva dessa fase da vida apresenta o epistológrafo em uma busca fenomenológica de si no decorrer de sua vida cotidiana. Como diz a autora, “[...] a carta íntima tem naturalmente uma vocação diarista e, em certo sentido, autobiográfica, já que se trata também para o epistológrafo de dar nela notícias de si e de descrever nela o cenário de seus dias.” (DIAZ, 2002, p.85), tal qual o missivista da crônica de Maupassant que, ao reler sua correspondência, se dá conta da inutilidade e do vazio da sua existência. “Assim concebida, a carta muda de estatuto: torna-se o que se chamará um ‘*ego-documento*’, próprio para servir a essa história de si que sempre desponta mais ou menos nitidamente no horizonte da prática epistolar.” (DIAZ, 2002, p.86).

Para concluir, vale dizer que essa leitura das cartas de Maupassant à sua mãe traz à tona a imagem do filho e do escritor marcada por uma intimidade que favorece plenamente a espontaneidade e a naturalidade da escrita. E certamente, é graças a essa confiança mútua entre ambos os correspondentes que a carta se revela uma modalidade importante do acesso ao eu, ao lado da autobiografia, das memórias e do diário.



The literary mentor of guy de maupassant

ABSTRACT: *Laure Le Poittevin, Guy de Maupassant's mother (1850-1893), had from his early childhood, a key role in the literary education of her son. This intelligent and sensitive woman, who was always passionate about arts, especially literature, to whom Maupassant entrusted his projects and literary adventures, was his first and eternal critic. In the letters he writes her, most of the time he takes the opportunity to plan and discuss his future projects; he presents a text in progress, he draws its guiding lines, he foreshadows its structures and points out some procedures based on a series of principles and recommendations of personal and universal values. Therefore, by reading again these letters, the readers nowadays can follow the writer's daily life, the progression of his ideas and his literary development, the editing process of his book and his moments of sorrow and joy, anger and affection.*

KEYWORDS: *Correspondence; Guy de Maupassant; Laure Le Poittevin.*

REFERÊNCIAS

ARTINIAN, A. Guy de Maupassant à sa mère. In: MAUPASSANT, G. de. **Correspondance inédite**. Recueillie et présentée par Artine Artinian, avec la collaboration d'Édouard Maynial. Paris: Éditions Dominique Wapler, 1951. p.1-5.

DEJERINE, J. **L'hérédité dans les maladies du système nerveux**. Paris: Asselin et Houzeau, 1886.

DIAZ, B. **L'épistolaire ou la pensée nomade**: formes et fonctions de la correspondance dans quelques parcours d'écrivains au XIX siècle. Paris: PUF, 2002.

FRÉMY, D. Quid de Guy de Maupassant. In: MAUPASSANT, G. de. **Contes et nouvelles. 1875-1884. Une vie**. Quid de Guy de Maupassant. Imaginé et dirigé par Dominique Frémy avec la collaboration de Brigitte Monglond et Bernard Benech. Paris: R. Laffont, 1988. p.1-304. (Collection Bouquins).

MAUPASSANT, G. Bel-Ami. In: _____. **Romans**. Paris: Gallimard, 1987. p.1324-1430. (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. Pierre et Jean. In: _____. **Romans**. Paris: Gallimard, 1987b. p.1471-1558. (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. **Théâtre. Histoire du vieux temps. Musotte. La paix du ménage**. Paris: L. Conard, 1930.

_____. Lettre a sa mère. maio de 1891a, carta 697. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 14 mar 1891b, carta 680. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 22 fev. 1891c, carta 671. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Gustave Flaubert. **L'écho de Paris**, Paris, 24 nov. 1890a. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. Out. de 1890b, carta 648. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. Ago. de 1890c, carta 635. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Le Roman. **Le Figaro**, Paris, 7 jan. 1888a. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. Jan. de 1888b, carta 488. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. Set. de 1887, carta 468. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Voyage de santé. **Le Petit Journal**, Paris, 18 abr. 1886. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 10 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. Ago. de 1885a, carta 394. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 7 jul. 1885b, carta 389. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Aux critiques de *Bel-Ami*. Une réponse. **Gil Blas**. Paris, 7 jun. 1885c. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Malades et médecins. **Gil Blas**, Paris, 11 mai 1884. Sous la signature de Maufrigneuse. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

_____. Lettre a sa mère. Jul. de 1881a, carta 238. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. Jan. 1881b, carta 208. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Suicides. **Le Gaulois**, Paris, 29 ago 1880. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 3 abr. 1878a, carta 90. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 21 mar. 1878b, carta 89. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 15 fev. 1878c, carta 87. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 6 fev. 1878d, carta 86. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 21 jan. 1878e, carta 83. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 1877, carta 74. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 6 out. 1875a, carta 47. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 3 set. 1875b, carta 44. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 29 jul. 1875c, carta 43. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 8 mar. 1875d, carta 36. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 26 nov. 1874a, carta 32. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 30 out. 1874b, carta 31. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

_____. Lettre a sa mère. 24 set. 1873, carta 20. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

MAUPASSANT, L. de. Lettre à Gustave Flaubert. 19 fev. 1873, carta 16. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 28 fev. 2003.

TASSART, F. **Souvenirs sur Guy de Maupassant**. Chapitre XI: Février 1888 – Février 1889. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/cadre.php?page=bios>>. Acesso em: 15 out. 2006.

SELVA, T. **Maupassant par les textes**. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

Brigitte Monique Hervot

VIAL, A. **Maupassant et l'art du roman**. Paris: Nizet, 1954.